



AULA AO VIVO 25/02/2014

## A ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA DO TEXTO

### 1. O TEXTO DISSERTATIVO

#### 1.1. Considerações Iniciais

O modelo dissertativo é o preferido pelas comissões de vestibulares. Essa preferência não se dá ao acaso; muito pelo contrário, justifica-se pelo fato de a dissertação ser a modalidade textual que associa, com maior evidência, as características de um candidato desejadas pela banca: **inteligência lingüística, capacidade de articulação de discursos ou informações “soltas”, reflexividade e senso crítico**. Tudo isso não a partir de referências por demais técnicas ou provenientes de “decorebas”, mas sempre com base em aspectos da **realidade**. Em síntese, podemos afirmar que a dissertação mede a capacidade do aluno de **absorver, interagir com e interpretar** o seu mundo, além de produzir tais idéias sob a forma **escrita**. Diante do que foi mencionando, é válido enfatizar que é menos provável se obter um bom resultado na prova de Redação se estivermos presos a “fórmulas mágicas” ou “receitas de bolo” relativas à produção textual. Por esse motivo, estimularemos sempre o pensamento crítico e consciente de nossos alunos, a fim de que qualquer redação, a partir de qualquer tema e em qualquer circunstância, possa ser produzida de modo adequado e proveitoso.

#### 1.2. Características Gerais da Dissertação:

**1.2.1. O ato de dissertar:** segundo o dicionário Aurélio, *dissertar* significa *tratar com desenvolvimento um ponto doutrinário ou um tema qualquer*. Em outras palavras, trata-se do ato de “desembrulhar” um tema, esclarecendo os seus pontos principais para o leitor – às vezes, inclusive, emitindo uma opinião. Na escola, aprendemos que existem duas espécies de textos dissertativos: o **expositivo** e o **argumentativo**. No primeiro caso, são feitas considerações imparciais sobre o tema, sem a emissão de qualquer juízo de valor pelo enunciador. No segundo caso, uma opinião é emitida e, posteriormente, defendida com o uso de argumentos. Nesse sentido, cuidado: as bancas dos exames vestibulares não costumam observar com bons olhos textos meramente expositivos; já dissemos que o senso crítico é um dos “ingredientes” de uma boa redação, e somente com a defesa de uma opinião ou ponto de vista poderemos fazer notar nossa capacidade crítica.

Textualmente, a ideia de que o texto deve ser argumentativo no vestibular é confirmada pela banca da UNICAMP:

*“Em uma dissertação, deve-se defender uma tese, ou seja: organizar dados, fatos, idéias, enfim, argumentos em torno de um ponto de vista definido sobre o assunto em questão. Uma dissertação deve, na medida do possível, concluir algo. Portanto, não tem cabimento ficar simplesmente elencando argumentos favoráveis ou contrário a determinada idéia.”*

([www.comvest.unicamp.br](http://www.comvest.unicamp.br))

Daqui para a frente, lembre-se do seguinte: quando falarmos em *dissertação*, pura e simplesmente, estaremos fazendo referência ao tipo **argumentativo**.

**1.2.2. Objetivo ou função:** o objetivo maior da dissertação é **convencer** o possível leitor de que um determinado ponto de vista é válido. Para que esse objetivo seja atingido, fazemos uso de argumentos – que, bem estruturados, configuram a chamada **argumentação**. A argumentação é um processo constituído de um conjunto de idéias comentadas e fundamentadas que, lógica ou psicologicamente, garantem a adesão de um interlocutor a certo ponto de vista.

**1.2.3. Estrutura ortodoxa:** existem diversas formas de se organizar um texto. Entretanto, uma parece ser a mais indicada na ocasião do exame vestibular: trata-se da chamada estrutura ortodoxa da dissertação. Sob esse escopo, o texto possui três partes bem definidas, cada uma desempenhando um papel específico. São elas a **introdução**, o **desenvolvimento** e a **conclusão**. Essa parece ser a

estruturação mais adequada por diversos motivos, entre os quais se destacam:

- a) não é uma tarefa simples organizar as ideias e apresentá-las para a banca de modo coerente. A estrutura ortodoxa constitui um meio extremamente eficaz de promover essa organização.
- b) todos os exemplos de redações que obtiveram grau máximo divulgadas pelas comissões examinadoras seguem essa estrutura. Desse modo, o candidato não vai apenas mostrar capacidade de ordenação do raciocínio; vai demonstrar que entrou em contato com bons textos ao longo de sua preparação.

**1.2.4. Linguagem impessoal:** o texto dissertativo deve ser escrito, via de regra, na **terceira pessoa**. Dito de outro modo, os pronomes “eu”, “meu” ou “minha” **jama**s deverão ser utilizados, bem como formas verbais que contenham em sua estrutura a desinência número-pessoal da primeira pessoa: “acredito”, “acho”, “devo”, “quero”. Uma pergunta bastante comum em aulas de redação é a seguinte: “- Por que não posso utilizar a primeira pessoa do singular no meu texto? Ora, se é a *minha* opinião...” De fato, parece paradoxal impedir que se utilizem marcas de personalização em um texto pessoal. Na verdade, a explicação para essa aparente contradição é bastante simples: de um lado, é óbvio que o texto pertence a quem o produz; nesse sentido, seria redundante o enunciador ter, o tempo todo, que “aparecer”. Por outro lado – e aqui está o motivo maior –, bons argumentadores fazem com que **opiniões pessoais pareçam verdades absolutas**; isso, só mesmo a linguagem impessoal (em terceira pessoa) pode realizar.

#### **Observação:**

Existe a possibilidade de ser utilizada a primeira pessoa do plural (“nós”) na redação? A resposta é SIM. Contudo, esse subterfúgio só deve ser empregado quando estivermos diante de um contexto mais humanístico, em que a inclusão genérica do enunciador seja bem-vinda. É o que acontece em muitas provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que, por muitas vezes apresentar um caráter nitidamente social, acaba fazendo com que o aluno se sinta à vontade para redigir estruturas como “Devemos buscar, então, os meios adequados para diminuir tão grave problema social”.

**1.2.5. Adequação à norma culta e aos índices de formalidade:** a dissertação é um texto técnico e, como tal, deve seguir um conjunto mínimo de regras. Nesse contexto, o registro formal e culto deve ser empregado pelo aluno. Assim, todas as modalidades relativas à boa gramática, desde as regras de acentuação, pontuação, concordância e regência, entre outras, até o não uso de gírias ou de vocábulos considerados de baixo calão deverão ser observados. Para complementar seus conhecimentos nessa parte, não deixe de assistir às aulas de gramática e de Linguagens.

**1.2.6. Qualidades essenciais:** para que sua dissertação consiga obter o grau máximo, mais alguns “detalhes” deverão estar presentes: **clareza** (por isso não se deve redigir um texto muito hermético), **coerência**, **coesão** (esses dois aspectos serão trabalhados em aulas posteriores), **senso crítico**, uma pequena dose de **originalidade** e **profundidade**. Todos esses elementos, somados, farão com que o candidato consiga causar excelente impressão na banca corretora e, por isso, a nota será alta.

A partir do exposto, percebe-se que escrever uma dissertação “perfeita” não é uma tarefa fácil. Muito pelo contrário, trata-se de uma atividade bastante complexa e que requer do aluno concentração total aliada a muita prática. Vamos começar nossos esforços? Mãos à obra!

## **2. DISSERTAÇÕES EXEMPLARES**

### **Redação 1**

**Tema: Por que o vestibular é considerado problemático?**

#### **Os piores cegos**

Quando o assunto é vestibular, não há calmante suficiente. Nem remédio algum para a miopia que se revela nesse período. Sem dúvida, a pressão da família, o mito do momento decisivo e a falta de maturidade dos candidatos são os principais fatores que levam pais e filhos ao desespero. Nem sempre, no entanto, a culpa é do concurso, mas isso poucos conseguem enxergar.

As dificuldades começam em casa e atingem a quase todos. Rigorosos ou não, os pais costumam reforçar as pressões que os alunos sentem no ar, na aurora do ano em que se diplomam no Ensino Médio. Frequentemente, a cobrança de outros se transforma em cobrança pessoal, o que implica, sem sombra de dúvida, um mal ainda maior.

Como se não bastasse ter as atenções do resto do mundo voltadas para si, o vestibulando enfrenta uma situação considerada única e, por isso, decisiva. Contudo, essa impressão é errônea. A vida é um somatório de desafios que devem ser vencidos – mesmo que isso não ocorra em um primeiro momento. No caso do vestibular, existem provas todos os anos e, além disso, sempre é hora de mudar, sobretudo quando se trata de uma decisão tomada em plena adolescência.

De fato, outro fator que contribui para a mitificação do concurso é a idade da maior parte dos candidatos, variando em torno dos dezoito anos. A pouca vivência e a relativa imaturidade são inerentes ao jovem. Somem-se a isso as dificuldades desse período da vida, que não são poucas, e o vestibular acaba por multiplicá-las na mesma medida em que é por elas alimentado. Como resultado, cria-se um círculo vicioso, que atinge a todos sem constrangimento e não permite que se vejam alternativas.

Portanto, é evidente que a natureza do vestibular não é problemática. Elementos “externos” são os reais complicadores, e devem ser combatidos – seja pela conscientização de pais e alunos, seja pela imposição de um novo modelo, mais racional – a fim de que o ano do concurso seja um momento saudável, de construção da personalidade, e não de deterioração desta. Abrir os olhos para essa realidade – querendo enxergá-la – é tão fundamental quanto estudar.

#### **Redação comentada:**

- a) É possível perceber que não se trata de um texto espetacular ou “arrepiaante”, mas que consegue atender a todos os detalhes exigidos de uma boa redação: ausência de erros gramaticais, análise coerente, estrutura bem construída, toques de originalidade, elementos coesivos bem utilizados, argumentação eficaz e consistente.
- b) O título é sugestivo – remete ao ditado popular “O pior cego é aquele que não quer ver”. Isso desperta a curiosidade do leitor, na medida em que ele pode se perguntar “não quer ver o quê?” – dúvida pertinente e respondida na introdução.
- c) A introdução cumpre duas funções muito importantes: apresenta o tema, contextualizando-o (ao associar o vestibular às ideias de nervosismo e de falta de entendimento), apresenta um ponto de vista nítido sobre a pergunta-tema e, ainda, indica um “caminho” a seguir, apontando família, mito do momento decisivo e falta de maturidade dos candidatos como os elementos que serão abordados ao longo do desenvolvimento.
- d) O desenvolvimento retoma os três tópicos apontados na introdução, sequenciando-os de modo inteligente, coerente e sem empilhamento de parágrafos – note que cada parágrafo leva ou é levado ao outro por meio de “ganchos” semânticos (um bom exemplo é a estrutura *“sobretudo quando se trata de uma decisão tomada em plena adolescência”*). Além disso, o leitor tem sua leitura e assimilação facilitadas, uma vez que o autor optou por começar cada um dos três parágrafos com tópicos-frasais, seguidos de suas ampliações.
- e) A conclusão fecha o texto com “chave-de-ouro”: retoma-se a tese de modo inteligente, não deixando qualquer tipo de dúvida para o leitor acerca do ponto de vista defendido; propõem-se soluções ou intervenções para a problemática; e, por último, ainda fecha-se um ciclo argumentativo – com a alusão ao provérbio sugerido pelo título e à “miopia” presente na introdução (*“Abrir os olhos para essa realidade – querendo enxergá-la – é tão fundamental quanto estudar”*).

**Por todos esses aspectos, trata-se de uma redação que merece a sonhada nota 10.**

#### **Redação 2**

**Tema: A relação entre o homem e o tempo**

**Nota: 10,0**

#### ***Sob controle***

Raras são as pessoas que, no mundo contemporâneo, podem passar um dia sequer sem consultar um relógio. Seja pela necessidade de atender a um compromisso, seja para saber a hora de um programa na TV, ou até mesmo por puro vício, o fato é que todos dependemos da medição do tempo. Isso é de tal forma comum, que muitos chegam a pensar que essa escravidão é uma marca da vida moderna. Será?

Um olhar atento para a história permite verificar algo que nos esquecemos quando prestamos atenção apenas no presente: o homem sempre quis controlar o tempo. Os relógios de sol de antigas civilizações são uma prova cabal disso. Ou mesmo a percepção de fenômenos naturais que indicavam a mudança das estações. Sobre esse prisma, não há como negar que a relação do homem com o tempo está distante de ser uma novidade que nos deixe alarmados.

Na verdade, o que ocorreu com o passar dos séculos foi uma transformação na maneira de realizar o controle do tempo, pois, com tecnologias cada vez mais sofisticadas, o ser humano passou a administrar essa medição com uma enorme exatidão e nas menores frações, o que acabou por

produzir uma relação viciosa: quanto mais preciso é o controle do tempo, mais rápidas são as atividades; quanto mais rápidas as atividades, maior a necessidade de controlar o tempo.

Diante desse histórico, poderíamos ficar com a sensação de que, em essência, pouco mudou. Afinal, do relógio de sol ao relógio digital, a diferença é apenas quantitativa. No entanto, esse não é um detalhe desprezível, haja vista a presença de relógios em todas as esferas da vida humana, regendo o funcionamento da sociedade atual. Não deixa de ser irônico: o homem queria ter o tempo sob controle; agora, ele próprio está sob controle de sua invenção.

## EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

Leia com atenção a redação abaixo, escrita por um ex-aluno. Observe que NÃO se trata de um exemplo de boa redação. Ela apresenta diversos problemas que devem ser observados – e evitados. Depois, responda às questões propostas.

**Tema: O que significa, no mundo contemporâneo, exercer a cidadania?**

### É relativo

No dicionário, ser cidadão é ser “um indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado, ou no desempenho de seus deveres para com este”. Essa afirmação é difícil de ser entendida, principalmente porque a política hoje é muito incoerente. Diante disso, é preciso ver se o conceito de cidadania pode ter uma definição fixa e universal, sem considerar suas mudanças em cada contexto.

Em um mundo globalizado, é preciso dizer que ser cidadão hoje é algo difícil de ser cumprido. Isso porque, com a troca entre as novas formas de cultura, os princípios sociais mudando a todo instante, tornando mais fácil que uma pessoa não consiga entendê-los, o que, na teoria, já seria um ataque à idéia de cidadania. Porém, não se pode exigir que uma população que não sabe nem mesmo os princípios básicos de convívio social tenha uma atitude coerente em relação às leis aplicadas, já que elas são feitas por pessoas que não se importam com as suas necessidades.

Além disso, há uma falta de coerência sobre o que se pensa ser um cidadão. Ao mesmo tempo que se recrimina o fato de pessoas não se empenharem para cumprirem seus deveres em relação ao Brasil, o governo não assegura que os direitos de cada cidadão sejam cumpridos. Essa postura é o reflexo de uma política que se diz democrática, mas obedece só aos interesses da elite que manda no país, já que não dá a igualdade de direitos. Assim, ser cidadão torna-se confuso, pois o papel de cada um na sociedade fica muito relativo.

Relativa também é a própria visão que cada um tem da sua visão quanto ao papel que precisa desempenhar na sociedade. Muitos acham que suas atitudes não têm reflexo direto em toda a sociedade, por isso agem apenas pensando em si mesmo. Com isso, jogam papéis nas ruas, picham muros, roubam monumentos, sem se importar se estão destruindo um patrimônio público. O problema é que eles não percebem que, fazendo essas coisas, estão agredindo a eles próprios, pois também fazem parte da sociedade.

Portanto, ser cidadão é algo muito complicado hoje em dia, já que o capitalismo impõe o ritmo da vida moderna e os interesses pessoais são mais importantes do que o convívio social. Ninguém mais sabe o que deve fazer ou o que pode exigir. Por isso, pode-se dizer que a definição do dicionário precisa ser revista, de repente colocando-se logo no início dela algo como “é relativo”.

- 1) Criar uma adversidade significa, em alguns casos, contrapor uma idéia a outra, o que pode gerar um erro de coerência, a contradição. Ao utilizar uma idéia adversativa nesse mesmo parágrafo, o autor comete tal erro? Explique.
- 2) Por que, ao dizer que “não se pode exigir que uma população que desconhece até mesmo os princípios básicos de convívio social tenha uma atitude coerente em relação às leis aplicadas”, o autor torna sua argumentação falha?
- 3) O chamado “duplo sentido”, na linguagem coloquial, é conhecido na norma culta como ambigüidade. Pode-se dizer que esse fenômeno ocorre na frase “já que elas são feitas por pessoas que não se importam com as suas necessidades”. Corrija-a.
- 4) Pode-se dizer que o segundo parágrafo de desenvolvimento contém um erro quanto à visão do tema? Por quê?
- 5) A falta de clareza é um problema estrutural sério, que dificulta a compreensão e prejudica a defesa de um ponto de vista. Ao observar o primeiro período do terceiro parágrafo de desenvolvimento, percebe-se que ele está confuso. Reescreva-o.
- 6) Uma aluna, ao ler esse parágrafo, disse que o autor “falou, falou e não disse nada”. Ela está certa

em sua constatação? Como é chamado esse tipo de erro?

**GABARITO:**

- 1) Não, pois ele dá continuidade à defesa de seu ponto de vista, apresentando apenas uma ressalva quanto às exigências da sociedade em relação ao comportamento de cada indivíduo.
- 2) Porque ele cria uma generalização, afirmando que todas a população desconhece os princípios básicos de convívio social, o que se aplica apenas a uma parcela da mesma.
- 3) “Já que elas são feitas por pessoas que não se importam com as necessidades dos menos favorecidos”.
- 4) Sim, já que o tema trata da idéia de cidadão de forma ampla, não apenas no que diz respeito à situação brasileira. Há, portanto, uma restrição ao enfoque do tema.
- 5) “Relativa também é a visão que uma pessoa possui quanto ao seu papel em uma sociedade”.
- 6) Sim. Abordagem circular.